

TEREZINHA DE JESUS PAIVA

**TARSILA DO AMARAL: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
NO ENSINO DE ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**ITAPETINGA
NOVEMBRO – 2012**

TEREZINHA DE JESUS PAIVA

**TARSILA DO AMARAL: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
NO ENSINO DE ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de conclusão do curso em Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Supervisor: Atila
Ribeiro de Souza Regiani
Tutora Orientadora: Professora Ruth
Moreira de Sousa Regiani

**ITAPETININGA
NOVEMBRO - 2012**

*Enquanto estiver vivo, sinta-se vivo. Se sentir saudades do que fazia, volte a fazê-lo.
Não viva de fotografias amareladas... Continue, quando todos esperam que desistas.
Não deixe que enferruje o ferro que existe em você. Faça com que em vez de pena,
tenham respeito por você. Quando não conseguir correr através dos anos, trote.
Quando não conseguir trotar, caminhe. Quando não conseguir caminhar, use uma bengala.
Mas nunca se detenha.*

(MADRE TERESA DE CALCUTÁ)

AGRADECIMENTOS

A Deus, o que seria de mim sem o Teu amor.

A meus pais, Gabriel e Maria Alice, meus filhos, minha amiga Tania, ao meu esposo Juarez que soube compreender e ajudar nas horas difíceis.

Ao tutor presencial Werner José Lisbôa Krapf, meu incentivador.

Ao orientador Atila Ribeiro de Souza Regiani.

E tutor orientador Ruth Moreira de Sousa Regiani.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1 - A ARTE COMO FORMA DE REFLEXÃO SOCIAL.....	08
CAPÍTULO 2 - TARSILA DO AMARAL E O CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	14
2.1. A questão social nas obras da Tarsila do Amaral.....	16
2.2. 1922: A Semana de Arte Moderna.....	18
2.3. O Modernismo.....	20
2.4. Outros artistas que discutem questões sociais em seus trabalhos.....	21
2.5. Obras de Tarsila escolhidas para o estudo.....	24
CAPÍTULO 3 - ESTUDO DE CASO.....	27
3.1. Metodologia.....	28
3.1.1. A Abordagem Triangular.....	29
3.1.2. Etapas de desenvolvimento.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
ANEXOS.....	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Capa do catálogo da Semana da Arte Moderna.....	19
Figura 02: Os quebradores de Pedra.....	22
Figura 03: O vagão da terceira classe.....	22
Figura 04: Os Retirantes.....	23
Figura 05: Os Operários.....	24
Figura 06: Segunda Classe.....	26
Figura 07: Desenho feito por alunos em atividade proposta.....	28
Figura 08: Desenho feito por alunos em atividade proposta.....	29
Figura 09: Atividade realizada durante o PIEA2.....	32
Figura 10: Início do trabalho dos alunos.....	34
Figura 11: Desenvolvimento do trabalho dos alunos.....	35
Figura 12: Desenvolvimento do trabalho dos alunos.....	35
Figura 13: Trabalho finalizado.....	36
Figura 14: ANEXO A - Acompanhamento da atividade.....	42
Figura 15: ANEXO B - Relatório de avaliação da atividade.....	43
Figura 16: ANEXO C - Relatório de avaliação da atividade.....	44

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomei como desafio a abordagem de questões sociais vivenciadas por alunos a partir de um processo de reflexão crítica gerado pela obra de Tarsila do Amaral. O tema é discutido a partir da obra da artista em conjunto com uma pesquisa teórica sobre arte e educação e examinado através de uma ação educativa praticada para meus alunos do ensino público fundamental II. Uma parte da pesquisa sobrevém do conhecimento histórico e crítico da obra de Tarsila e outra de uma abordagem metodológica, em arte-educação, que auxiliará e estruturará a ação pedagógica.

A metodologia aplicada é embasada na Abordagem Triangular, procuro experimentá-la em sala de aula para verificar as possibilidades de oferecer aos alunos aprofundamento no contexto histórico e social do século XX, incentivando-os a fortalecer seus conhecimentos e principalmente provocar questionamentos que os façam interagir com sua realidade.

Almejei fazer a relação arte e educação de forma que os alunos percebessem e se sensibilizassem para as questões sociais no meio em que vivem e dessa forma pudessem buscar uma forma de mudar ou então de retratar a indignação através da arte, assim como fez Tarsila em sua fase social.

No primeiro capítulo, procuro refletir sobre a relação entre arte-educação para entender como a arte pode ser utilizada na compreensão da realidade social dos alunos e como isso pode interferir no processo de aprendizagem.

Na sequência, examino a trajetória da artista Tarsila do Amaral onde busco perceber quais as motivações que a levaram a seguir o rumo de sua carreira, o contexto histórico em que estava inserida, as vanguardas artísticas da época, enfim, como ela tornou-se um dos principais nomes do Modernismo brasileiro.

Finalizo o trabalho com o terceiro capítulo abordando o estudo de caso com uma proposta de atividade pedagógica em sala de aula para uma turma do ensino

fundamental II da escola estadual Prof^a. Maria Aparecida Rechineli Modanezi na qual sou docente. Nesse capítulo trato também sobre a Abordagem Triangular, quais são suas bases e como ela foi utilizada na realização da atividade pedagógica.

Acredito que é função da escola introduzir os alunos na compreensão das questões humanas que falam de problemas sociais e políticos, de relações humanas, provocando o questionamento de seus sonhos, medos, perguntas e inquietações. Pensando dessa forma, ressalto quão acertada é minha motivação pessoal empregada neste trabalho e tão relevante o esforço enquanto pesquisa acadêmica e social para o processo de reflexão crítica e análoga entre a realidade dos alunos e à cerca da experiência obtida por Tarsila em retratar os acontecimentos sociais de sua época.

CAPÍTULO I - A ARTE COMO FORMA DE REFLEXÃO SOCIAL

Neste capítulo inicio uma reflexão sobre a relação entre arte-educação e a compreensão da realidade social dos alunos, entendendo que a arte é uma das maneiras de se pensar sobre este assunto. Minha apreciação é baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais da área de arte, da Secretaria de Educação Fundamental, que rege o ensino fundamental brasileiro. Também me oriento pelos conceitos de Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, principal referência no Brasil para o ensino da Arte nas escolas conforme análise de artigos e livros relacionados à questão da arte-educação e Abordagem Triangular. Também me embaso em Paulo Freire, no que diz respeito às considerações sobre a prática do estudo atrelada com realidade do educando.

Com base nos subsídios do Ministério da Educação, que publicou em 1998, por meio da Secretaria de Educação Fundamental, parâmetros com a intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional que envolvesse escolas, pais, governos e sociedade e que originasse uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro. Com relação à Arte no ensino fundamental, teve por objetivo analisar e propor encaminhamentos para o ensino e a aprendizagem afirmando, desse modo, que:

A arte é um conhecimento que permite a aproximação entre indivíduos, mesmo os de culturas distintas, pois favorece a percepção de semelhanças e diferenças entre as culturas, expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, em um plano diferenciado da informação discursiva.

Nessa perspectiva, a arte na escola tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico dos alunos como fato humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexistente. Não se trata de copiar a realidade ou a obra de arte, mas sim de gerar e construir sentidos. (Secretaria de Educação Fundamental, 1998, p. 35).

Através dessa afirmação, alerto que é perceptível a intenção do governo em fazer a aproximação entre o sistema educacional e a realidade social. Porém, no Brasil, há poucas décadas é que foi possível estabelecer a arte como uma disciplina de ensino que auxiliasse o aluno numa reflexão crítica de seu mundo, que propiciasse a oportunidade de livre expressão e que aguçasse seu interesse em criar, não somente do ponto de vista artístico, mas humano.

Conforme análise baseada em Ana Mae Barbosa em seu texto “Arte, Educação e Cultura”, sobre a realidade da arte e educação no Brasil, o governo estabelecia por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, criada em 1961, seguida por uma versão em 1971 - ambos os períodos regidos pelo militarismo, um ensino tecnológico que visava mais profissionalizar mão de obra do que mostrar alguma abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo.

Somente de 1987 a 1993 é que um sistema epistemológico foi testado e sistematizado: a Proposta Triangular. Segundo Ana Mae Barbosa, foi inicialmente experimentada com a organização de cursos e oficinas do Festival de Inverno de Campos do Jordão, em 1983. Após isso, foi experimentada no Museu de Arte contemporânea da USP, depois nas escolas da rede municipal de São Paulo e outros estudos foram realizados no Rio Grande do Sul.

[...] a Proposta Triangular designa ações como componentes curriculares: o fazer, a leitura e a contextualização. Na época do Museu de Arte Contemporânea, esta contextualização era prioritariamente histórica, dada a natureza da instituição museu. Mas com o passar do tempo nos tornamos mais radicais em relação à desdisciplinarização e, em vez de designar como história da arte um dos componentes da aprendizagem da arte, ampliamos o espectro da experiência nomeando-a *contextualização*, a qual pode ser histórica, social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, biológica, etc., associando-se o pensamento não apenas a uma disciplina, mas a um vasto conjunto de saberes disciplinares ou não. (BARBOSA, 2007, p. 37-38).

A criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1998, defendeu e incluiu a abordagem da Proposta Triangular. Foi assim que nós professores de arte tivemos a oportunidade de abranger a experiência de vida dos educandos no processo de ensino. Isso abriu espaço para que nós pudéssemos exercer um ensino engajado, pois me preocupo em saber dos alunos quais questões sociais são mais relevante para suas vidas, o que sobressai dos demais fatores e interfere diretamente em seu cotidiano.

Além disso, vejo que pela arte é possível cativar os alunos de maneira mais subjetiva e criativa. Com os resultados obtidos durante o desenvolvimento deste estudo, posso afirmar que os educandos apropriam-se da sala de aula para estudar artes como se estivessem entrando num território onde poderão expressar-se, criar, usar suas habilidades ou conhecimentos gerais, mais livremente do que em outras disciplinas.

Essa crença é reforçada por Ana Mae Barbosa, quando ela diz:

A arte, como linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA; COUTINHO, 2009, p. 21).

Cabe a nós professores apontar as atividades e fornecer o conteúdo teórico para que essa produção frua, mas ao mesmo tempo abrir possibilidades de que os alunos possam se expressar, com a liberdade de usar ou não os conhecimentos teóricos apresentados, pois cada criação é subjetiva, interpretativa e independente.

Destaco ainda que, Ana Mae reflete sobre arte-educação como possibilidade de descoberta e entendimento que os alunos podem fazer de si mesmos e da comunidade da qual pertencem. O fato é que, os indivíduos de classe baixa permanecem marginalizados em todos os níveis social, econômico, cultural.

Neste caso específico, considerarei a comunidade na qual estão inseridos meus alunos participantes deste estudo: uma turma do ensino fundamental ciclo II com 38 alunos, da escola estadual Prof^a. Maria Aparecida Rechineli Modanezi. A maioria dos alunos trabalha meio período e seus pais são assalariados ou na agricultura como trabalhadores braçais e suas mães são dona de casa. Essa tem o menor desempenho no município conforme o último IDEB (Índice de Desenvolvimento Educacional Básica).¹

As culturas de classes sociais baixas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que envolvidos na educação destas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para salvar os oprimidos da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. (BARBOSA, Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>> Acesso em 24 de outubro de 2012).

Neste ponto, incluo na discussão outro importante educador, Paulo Freire. Ele tinha como fundamento a crença de que o educando podia assimilar o objeto de estudo fazendo uso de uma prática conectada com sua realidade, em contraposição à educação tecnicista e alienante. Como percebemos:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (sic). Assumir-se sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto (sic). (FREIRE, 2005, p. 41)

Paulo Freire já trazia essa visão de que o educando tem o poder de percorrer ele próprio seu caminho, não tendo a obrigação de seguir um já previamente construído, que venha de cima para baixo. O educando, poderia sim, seguir e criar o rumo do seu aprendizado.

Vejamos o que os parâmetros (PCN) da Secretaria de Educação Fundamental pronunciam: “Cada obra de arte é, ao mesmo tempo, produto cultural

¹ www.portalideb.com.br, 2012.

de uma determinada época e criação singular da imaginação humana, cujo sentido é construído pelos indivíduos a partir de sua experiência”. Essa afirmação vem de encontro com o pensamento de Paulo Freire, no que diz respeito à garantia da participação criativa e crítica do aluno, no entanto, não podemos esquecer que o governo estabelece um currículo fechado, obrigatório e por muitas vezes intransponível, pois somos obrigados a segui-lo à risca.

Entretanto, esses mesmos parâmetros abrem possibilidades de transposição dessa barreira, pois possibilita que os problemas sociais sejam tratados nas escolas brasileiras. Reconhecem que a aprendizagem da arte envolve distintos âmbitos de experiência para abarcar o conhecimento artístico, como:

- a experiência de fazer formas artísticas incluindo tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;
- a experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa;
- a experiência de investigar sobre a arte como objeto de conhecimento, no qual importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos. (Secretaria de Educação Fundamental, 1998, p. 36).

Considerando, dessa forma, o fazer, o fruir e o investigar artístico como instrumentos para manifestar a experiência pessoal. E mais ainda:

A área de Arte contribui, portanto, para ampliar o entendimento e a atuação dos alunos ante os problemas vitais que estão presentes na sociedade de nossos dias. Tais problemas referem-se às ações de todas as pessoas para garantir a efetivação de uma cidadania ativa e participante na complexa construção de uma sociedade democrática que envolve, entre outras, as práticas artísticas. (Secretaria de Educação Fundamental, 1998, p. 37).

Após quatorze anos da publicação dos parâmetros curriculares nacionais, podemos enxergar que foi possível aplicar tais conceitos no dia-a-dia da sala de aula. E assim considerar as possibilidades criadoras que refletem as realidades

socioculturais e situações que podem ser problematizadas como: a justiça, o diálogo, a solidariedade humana. Essa abertura possibilitou que pudéssemos incluir a discussão de obras e artistas que, ao longo a história da arte, se preocuparam com a relação entre suas criações e a sociedade, inclusive neste estudo aqui apresentado.

Para concluir este capítulo, tento responder a duas perguntas emblemáticas que orientam a intenção deste estudo. Elas são feitas, respectivamente, por Ana Mae e Paulo Freire: “Por que o professor de arte precisa trazer para sua sala de aula a preocupação com as diferenças culturais?” (BARBOSA, 2007, p. 91). “Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. (FREIRE, 2005, p. 30)

As respostas estão implícitas nas discussões apresentadas a seguir neste trabalho acadêmico, mas posso afirmar que a arte é também uma maneira de se pensar a realidade sociocultural do aluno, tomando sua vocação idealizada pelos PCNs e a própria reflexão crítica proposta por Ana Mae e Paulo Freire. A arte potencializa as chances de transformar o olhar deles sobre si mesmos e sobre o contexto ao seu redor, facilitando os sentidos de criatividade e crítica.

Como analisarei no próximo capítulo, a sociedade e suas relações são conteúdo frequente na história da arte, sendo uma maneira de perceber, discutir e propor mudanças na sociedade. Em especial analiso as obras de Tarsila do Amaral, em sua fase social.

CAPÍTULO II - TARSILA DO AMARAL E O CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Tarsila do Amaral foi uma das grandes artistas brasileiras capaz de retratar seu país com cores, formas e temas de maneira a legitimar nossa brasilidade. Sua arte auxiliou que uma nova vanguarda transformasse o cenário nacional e consequentemente toda a arte vinda com o Modernismo.

A sua produção artística em si é o suficiente para entender o porquê foi tão importante para o movimento artístico nacional, mas também é de fundamental relevância conhecer suas origens e formação, para que se faça perceber o grau interferência que o contexto social teve em sua produção.

Deste modo, incluo no presente capítulo, um pouco sobre a história de Tarsila para elucidar as discussões mais afrente apresentadas.

Conforme Aracy Amaral descreve em seu livro “Tarsila: sua obra e seu tempo”, a paulista Tarsila do Amaral nasceu no Município de Capivari. Passou a infância nas fazendas de seu pai. Estudou em São Paulo e depois em Barcelona, na Espanha, onde viu seu interesse em arte surgir ao copiar uma imagem do Sagrado Coração de Jesus (sua primeira tela), em 1904.

Morou longos anos na Espanha, ficou sabendo da Semana de Arte Moderna através das cartas da amiga Anita Malfatti. Quando voltou ao Brasil, Anita a introduziu no grupo modernista e Tarsila começou a namorar o escritor Oswald de Andrade.

Como podemos perceber, a pintora era oriunda de uma família rica, tradicionalista e emergente de grandes latifundiários. Era uma classe orgulhosa e dominante que formava a elite intelectual do país, a nova burguesia que procurava por ascensão.

Além disso, ela pertenceu a uma geração educada em um período crítico da história brasileira, época pós Abolição e República, permeado de transformações econômicas de onde participavam diretamente os grandes fazendeiros paulistas ávidos por grandes realizações e que aos olhos da nação pareciam ter uma mentalidade diferente e progressista.

Esse era o contexto em que estava inserida Tarsila, não somente ela, mas de toda uma classe de artistas, a maioria com a mesma origem social. Havia um clima inspirador, momento de estabelecer um novo pensamento, surge a necessidade de valorizar a cultura nacional. O conhecido grupo dos cinco: Tarsila, Anita, Oswald, o também escritor Mário de Andrade e Menotti Del Picchia, agitaram culturalmente São Paulo com reuniões, festas, conferências. Produziam obras que revelavam o anseio de retratar, investigar e manifestar o contexto social brasileiro.

Segundo Aracy Amaral, Tarsila entrou em contato com a arte moderna em São Paulo, pois antes ela só havia feito estudos acadêmicos. A pintora continuou estudando, retornou à Europa onde tomou aulas com Léger e Gleizes.

Neste período o estudo sobre o cubismo se intensifica, mas também, tomada pela euforia de Paris, em que faziam sucesso artistas de inúmeros países, cujas características que estavam em alta era os respectivos nacionalismos. Tarsila vê crescer a vontade de se tornar a pintora do Brasil, resolve voltar para desenvolver seu conhecimento do nacional.

Na volta ao Brasil, visita Minas e redescobre as cores que passou a usar em seus quadros. E essas cores tornaram-se a marca da sua obra, assim como a temática brasileira, com as paisagens rurais e urbanas do nosso país, além da nossa fauna, flora e folclore. E esta fase da sua obra é chamada de **Pau Brasil**.

Em São Paulo, ela funda junto com Oswald o Movimento Antropofágico, movimento que queria deglutir, engolir, a cultura europeia, que era a cultura vigente na época, e transformá-la em algo bem brasileiro. Ao dar um presente especial de

aniversário ao seu marido, Oswald de Andrade, pintou o “Abaporu”. Ele ficou impressionado e disse que era o melhor quadro que já havia feito. Batizou-se o quadro com esse nome porque significava homem que come carne humana, o antropófago. Essa foi a **Fase Antropofagia**.

A **Fase Social** acontece em 1931. Já com um novo namorado, o médico comunista Osório Cesar, Tarsila visita a União Soviética, expõe em Moscou e conhece algumas cidades russas. Ela sensibiliza-se com a causa operária.

De volta ao Brasil foi presa por participar de reuniões no Partido Comunista Brasileiro com o namorado. Depois deste episódio, nunca mais se envolveu com política. Em 1933 pintou a tela “Operários”. Desta fase social há também a tela “Segunda Classe”. A temática triste da fase social não fazia parte de sua personalidade e durou pouco em sua obra.

2.1. A questão social nas obras da Tarsila do Amaral

Como relatei na introdução deste capítulo, o país passava por um momento difícil com muitas transformações político-econômicas, várias revoltas e dificuldades sociais. Tarsila não tinha envolvimento com tais problemas. Nascida em família de latifundiários, viveu no interior de São Paulo na fazenda de seu pai, estudou na Europa, ao voltar foi sustentada pela família que investia em sua carreira.

Tarsila conviveu com um grupo de artistas intelectuais também pertencentes à elite, por várias vezes em sua bibliografia há relatos de festas, jantares, viagens, enfim, a pintora também conquistava a todos com sua beleza e elegância.

Antes de voltar ao Brasil e integrar o grupo dos modernistas, Tarsila tinha sido aceita no *Salon Officiel des Artistes Français*, o que lhe garantiu reconhecimento no mundo das artes. Mas foi aqui em terras brasileiras que a artista encontrou sua inspiração. Como pode observar:

Pois é essa moça fazendeira, sinhazinha garrida da felicidade de ser bonita e de ter o mundo aos seus pés, que faz o primeiro levantamento da pintura brasileira, em seus coloridos mais reconhecíveis: o azul de Tarsila é azul de casa do caipira do Interior, da cidade pequenina até hoje: o rosa também, o verde e os terras. A fixação de uma etnia inicial como documento através da arte, está ali, nos olhos rasgados, negros enormes e ingênuos e mulatinhos. A Negra, a terra, a caipirinha, o cacto, o tipo de bicho doméstico, o boi, a ponte, o rio no fundo da casa, nosso céu azul, tudo é Brasil respirando... (FERRAZ, Geraldo. "Respectivamente, Tarsila do Amaral". *Jornal de Notícias*, São Paulo, 17/12/1950 apud Amaral, 2003, p. 458).

Faz-se necessário entender que, antes de chegar à fase social, Tarsila saiu da pintura técnica e estudos acadêmicos e descobriu sua personalidade artística ao retratar os temas e cores que faziam parte do cenário brasileiro.

Sinto-me cada vez mais brasileira: quero ser a pintora da minha terra. Como agradeço por ter passado na fazenda a minha infância toda. As reminiscências desse tempo vão se tornando preciosas para mim. Quero, na arte, ser a caipirinha de São Bernardo, brincando com bonecas de mato, como no último quadro que estou pintando.² (Amaral, 2003, p. 101).

Mário de Andrade defendia que dentro da história da nossa pintura Tarsila foi a primeira que conseguiu realizar uma obra de realidade nacional por causa dos próprios valores essenciais de sua obra como arte, não apenas por causa do assunto tratado, ele nos fala:

[...] O que a distingue dum Almeida Junior, por exemplo, e que é a inspiração de seus trabalhos que versa temas nacionais. Afinal obras que nem o *Grito do Ipiranga* ou a *Carioca* só possuem de brasileiro o assunto. Técnica, expressão, comoção, plástica, tudo encaminha a gente para outras terras de por trás do mar. Em Tarsila, como aliás em toda a pintura de verdade, o assunto é apenas mais uma circunstância de encantação; o que faz mesmo aquela brasileirice imanente dos quadros dela é a própria realidade plástica: um certo e muito bem aproveitado caipirismo de formas e de cor, uma sistematização inteligente do mau-gosto excepcional, uma sentimentalidade intimista, meio pequena, cheia de moleza e de sabor forte. [...]. (AMARAL, 2003, p. 18).

Tendo esse entendimento de sua personalidade artística é que ela pode enfim transitar entre diferentes temas. Tanto que, sua produção foi dividida nas fases que comentei anteriormente.

² Carta de Tarsila à família, 19 abr. 1923.

A questão social propriamente dita, aflora em seus quadros “Os operários” e “Segunda classe”, inspirados por sua passagem na União Soviética. Vale a pena destacar que Tarsila tinha consciência que se mudasse sua temática podia contrariar seu público e a crítica, mas ela ousou tentar e até pronunciou-se a respeito “Sempre me achei no direito de mudar”, conforme nos atesta Aracy Amaral (AMARAL, 2003, p. 375).

Essas foram as duas únicas obras da chamada fase social, entretanto, continuou retratando a sociedade com temáticas populares e cotidianas, como em “Costureiras”, 1950 e “Procissão”, 1941.

2.2. 1922: A semana de arte moderna

No início da década de vinte, o país vivia um novo momento nas questões sociais, econômicas e muito mais nas artes.

Foi com a Semana de Arte Moderna que se deu o início da consolidação do Modernismo no Brasil e a ruptura com movimentos anteriores. Foi na São Paulo rica do café que o movimento tomou proporções tão grandes que revolucionou o cenário artístico, mas foi por força de uma elite intelectual que fervia de ideologias nacionalistas.

Como retrata a autora Aracy Amaral em seu livro “Artes Plásticas na Semana de 22”, podemos perceber que o acontecimento realizado em fevereiro de 1922, em São Paulo, representou um marco na arte contemporânea do Brasil, como ela cita “comparável à chegada da Missão Francesa ao Rio de Janeiro no século passado ou, no século XIII, à obra do Aleijadinho”. (AMARAL, 1970, p.13).

Inserida nas festividades em comemoração o centenário da independência do Brasil, em 1922, a Semana de Arte Moderna apresentava-se como a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador, predominantes no país desde o século XIX. Entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, realiza-se no Teatro Municipal de São Paulo um festival com uma exposição com cerca de 100 obras e três

sessões lítero-musicais noturnas. Entre os pintores participam Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Ferrignac, John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Zina Aita, Yan de Almeida Prado e Antônio Paim Vieira, com dois trabalhos feitos a quatro mãos, e o carioca Alberto Martins Ribeiro, cujo trabalho não se desenvolveu depois da Semana de 22. No campo da escultura, estão Victor Brecheret Victor, Wilhelm Haarberg e Hildegardo Velloso. A arquitetura é representada por Antônio Garcia Moya e Georg Przyrembel. Entre os literatos e poetas, tomam parte Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade (1893 – 1945), Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Renato de Almeida, Ronald de Carvalho, Tácito de Almeida, além de Manuel Bandeira com a leitura do poema *Os Sapos*. A programação musical traz composições de Villa-Lobos e Debussy, interpretadas por Guiomar Novaes e Hernani Braga, entre outros. (Enciclopédia Itaú Cultural).



Figura 1: Capa do catálogo da Semana da Arte Moderna.

A semana de arte moderna colocou São Paulo no centro das discussões em território nacional e projetou os artistas brasileiros ao nível mundial em consonância com os acontecimentos em agitavam o cenário das artes.

2.3. O Modernismo

Mario de Andrade, em sua discutida conferência “O Movimento Modernista”, ao definir o seu “sentido verdadeiramente específico”, é incisivo em declarar que, “embora lançando inúmeros processos e ideias novas, o movimento modernista foi essencialmente destruidor”. (AMARAL, 1998, p. 113).

O movimento trouxe uma revolução cheia de irreverência, denúncia da realidade, ufanismo exagerado e de quebra com os movimentos anteriores. Os artistas não estavam desvinculados da política, pois suas críticas eram duras e alinhadas à esquerda política, já o nacionalismo extremo era uma característica da extrema direita. Alguns dos artistas chegaram a ocupar cargos públicos, como a própria Tarsila quando ocupou a função de conservadora da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

É fato que os artistas modernistas tinham, em sua maioria, formação europeia. Estudavam com grandes mestres e nos grandes centros, ou seja, estavam em contato com os acontecimentos mais importantes e recentes da arte. Na América ainda havia o consumo da estética e ideologias das artes europeias. Mas quando esses brasileiros voltavam ao Brasil, sentiam a necessidade de estabelecer o gosto pelo nacional, que refletisse as questões locais.

Os modernistas desejavam uma linguagem, uma comunicação, literária como visual, mais de acordo com seu tempo, é certo. E iam buscar as ideias para essa nova linguagem nas experiências iniciadas na Europa. Foi, porém precisamente o sentimento do nacional que os levou --- no entusiasmo do industrialismo crescente paulista ---- a cantar aquilo que é nosso, a analisar e estudar as nossas fontes mais tradicionais de inspiração, como já vimos em movimento que se antecipa à Semana, no surgimento do neocolonial brasileiro na arquitetura, como posteriormente a ela, com os estudos de nossa tradição indígena (como as realizadas por Vicente do Rêgo Monteiro e Regina Gomide Graz a partir de 1923), ou com nativismo propriamente dito, cujo maior expoente foi Tarsila do Amaral. (AMARAL, 1998, p. 115-116).

Algumas das propostas que defendiam era a reconstrução da cultura brasileira sobre bases nacionais, promoção de uma revisão crítica de nosso passado histórico e de nossas tradições culturais, eliminação definitiva do nosso complexo de

colonizados, defendiam a criação de novos conteúdos e de novas formas de expressão. Entre os fatos mais importantes, destacam-se a publicação da revista Klaxon, dos movimentos culturais: o Pau-Brasil, o Verde-Amarelismo, a Antropofagia e a Anta.

Se me perguntarem qual o filão original com que o Brasil contribui para este novo Renascimento que indica a renovação da própria vida, eu apontaria a arte de Tarsila. [...] Foi ela quem deu, afinal, as primeiras medidas de nosso sonho bárbaro na Antropofagia de suas telas da segunda fase, A Negra, Abaporu, e no gigantismo com que hoje renova seu esplêndido apogeu. (ANDRADE, apud AMARAL, 2003, p. 89)³.

Tarsila adere ao movimento, pois se identifica com seu tempo, sua terra e sua gente. Mas também o faz por força de seus novos amigos modernistas. Certamente a pintora se tornou um dos expoentes máximos do movimento.

2.4. Outros artistas que discutem questões sociais em seus trabalhos.

Muitos foram os artistas que abordaram em suas obras as questões sociais de sua época. Farei uma breve analogia com outros expoentes que também atravessaram por esse caminho.

Foram inúmeras as vanguardas e movimentos que surgiram em meio às crises econômicas, ondas revolucionárias, novos regimes político-econômicos. Eram vanguardas compromissadas com a realidade humana, das pessoas comuns, colocam a realidade como problema central.

O Realismo 1850/1900 e o Naturalismo - 1870, por exemplo, foram usados como instrumentos de denúncia contra os problemas sociais da França no século XIX. Os quadros do realismo procuravam expressar o ser humano como um ser histórico, produtor e produto do meio em que vive.

³ ANDRADE, Oswald. Aspecto da pintura através de Marco Zero. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1945, p.140.

Gustave Courbet (1819 – 1877) e Honorè Daumière (1808 – 1879) estão entre os artistas que fizeram com que a arte se transformasse em denúncia contra a classe dominante. Enquanto Courbet elegia os trabalhadores como personagens de sua arte, Daumier escolhia os próprios burgueses os quais representava de maneira caricatural, expondo suas reais faces.

Courbet faz de sua arte um “instrumento” de protesto contra a burguesia. Seus temas são a classe trabalhadora e o trabalho não como atividade que dignifica, mas que leva homens e mulheres à exaustão por ser executado em condições indignas.



Figura 2: “Quebradores de Pedra”, 1849, óleo sobre tela, 0,45 x 0,54 cm (destruído em 1945)

Outro representante do realismo é Honorè Daumière. Em suas representações lhe interessava o significado emocional que se esconde nos personagens. Estado da condição humana contemporânea, a ‘multidão solitária’. Daumier explora este estado de espírito com uma penetrante compreensão da natureza humana.



Figura 3: "O vagão de terceira classe", 1862, tela 0,67x 0.93m. Nacitional Gallery of Canada, Ottawa

Assim como Tarsila, Candido Portinari (1903 – 1962) também tinha uma veia política, conforme coloca Aracy Amaral em seu livro “Arte para quê?": “Portinari, por suas posições políticas conhecidas, por suas preocupações com o dado popular [...]” (AMARAL, 1984, p. 241).

Cândido Portinari era defensor da arte que o povo pudesse entender e se ver nela, buscava uma linguagem que eles pudessem se identificar e expressar, ou seja, “Uma arte que o povo possa compreender... Mas uma arte para o povo e não para meia dúzia [...]” (AMARAL, 2003, p. 24).



**Figura 4: "Os Retirantes", 1944, Óleo sobre tela 190 x 180 cm.
Col. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo.**

Cândido Portinari conseguiu retratar em suas obras o dia a dia do brasileiro comum, procurando denunciar os problemas sociais do nosso país. No quadro “Os Retirantes”, ele expõe o sofrimento dos migrantes, representados por pessoas magérrimas e com expressões que transmitem sentimentos de fome e miséria.

Inúmeros outros artistas inseriam em suas obras a realidade que os afetavam, mesmo que indiretamente, como foi o caso de Tarsila em sua fase social. O fato é que ao retratar tais acontecimentos, esses artistas imprimiam sua visão pessoal de tais situações, o que nos possibilita enxergá-las com outro olhar, não aquele do ponto de vista histórico, mas humano, de quem teve a experiência de participar ou conhecer de perto aquela determinada realidade.

2.5. Obras de Tarsila escolhidas para o estudo

Escolhi, para minha atividade didática, as duas obras de Tarsila da fase social para fazer a analogia com a realidade dos meus alunos. Elas foram escolhidas por conterem uma temática mais próxima de suas experiências de vida.

Mesmo tendo em nossa cidade, Pilar do Sul, interior do estado de São Paulo, a economia baseada na agropecuária e não na industrialização massiva, ainda assim foi possível fazer relações com as obras estudadas. Muitas vezes por conta do baixo poder aquisitivo, jornadas de trabalho extensas, marginalização, aglomeração, enfim, das condições de vida.

“Operários”

Em relação à obra “Operários” (1933), Tarsila do Amaral pontua "Minha tela mais importante é Operários. Fiz tudo a partir de fotografias e da memória visual de algumas pessoas que conhecia." (Disponível em www.base7.com.br/tarsila/)⁴



Figura 5: “Os Operários” — 1933, óleo sobre tela 150 X 205 cm, Palácio Boa Vista, em Campos de Jordão.

⁴ Tarsila do Amaral: entrevista a Paulo Portela, 1969.

Essa obra mostra o interesse de Tarsila em retratar os acontecimentos sociais e de pessoas vindas de todos os pontos do Brasil para São Paulo e Rio de Janeiro, com objetivo de trabalhar nas fábricas, que começavam a surgir na época.

A pintora Tarsila do Amaral expressa o mundo do trabalho: um grande número de rostos colocados lado a lado, sem nenhum sorriso, pois a preocupação não deixa lugar para a alegria. Os operários são brancos, negros, mestiços, japoneses, homens e mulheres de várias idades, todos com fisionomia bastante séria, formando a cena, observe que não há rostos iguais.

A expressão dos operários representados é de tristeza, indiferença, cansaço. Representam as péssimas condições de trabalho a que estão submetidos, e a falta de perspectivas que predomina no contexto de opressão da chamada "Era Vargas", época terrível em que ainda restavam vestígios da escravidão, racismo e repressão sendo que os operários chegavam a trabalhar 12 a 14 horas, inclusive mulheres e crianças que eram abusados por patrões e mestres. As condições de saúde eram ruins, havendo doenças, como a pneumonia nas fábricas de vidro.

São pessoas que nos olham fixamente como a nos lembrar de que é duro o trabalho nas fábricas, presentes na obra sob a forma de um prédio austero. A obra é um raro exemplo da etnia brasileira. Por isso foi escolhida para representar os museus frente ao diálogo intercultural, do pluralismo de ideias, do desenvolvimento humano e do respeito à diversidade. Ao fundo, aparecem as grandes chaminés das fábricas que impulsionaram o crescimento do nosso país na primeira metade do século XX. (Disponível em www.base7.com.br/tarsila/).

“Segunda classe”

Tanto as obras “Operários” como “Segunda Classe” tem o viés social. Analisando-as é fácil perceber que nenhuma das figuras que compõem a obra “Segunda Classe” está com semblante feliz, o próprio título da obra dá a conotação de estarem em segundo plano. Há falta de perspectiva, de futuro na terra natal e a necessidade de buscar outro lugar para a família, além do vínculo da pobreza e da fome, conforme a colocação “reflete muito mais uma profunda melancolia, uma nostalgia talvez, de um universo perdido e disperso” (Amaral, 2003, p.376). Outro detalhe fácil de notar é que nem as cores vivas anteriormente usadas por Tarsila não estão presentes nestas obras, agora as cores são consideradas sombrias.

“O tema [o poder esmagador e desumanizante do sistema industrial capitalista] Nessa família desacorçoada, acentua-se a miséria das crianças desnutridas, barrigudas, olhudas, de cabeça grande e pernas finas e arcadas. Retrato de um Brasil social miserável, cujo aspecto triste e trágico, antes recalcado, ou sublimado, emerge com muita força nessa década de 30”. (Gotlib, N. 2000, p. 170).⁵



Figura 6: “Segunda Classe” – 1933, óleo sobre tela, 110 x 151 cm, coleção particular, São Paulo.

No capítulo a seguir, observaremos como se dá essas análises conforme o trabalho aplicado em sala de aula.

⁵ Apud www.base7.com.br/tarsila/

CAPÍTULO III ESTUDO DE CASO

Para realizar o estudo de caso fundamentado em Tarsila do Amaral a fim de compreender as implicações da arte e educação, foi proposta uma atividade pedagógica em sala de aula para uma turma do ensino fundamental II da escola pública estadual Prof^a “Maria Aparecida Rechineli Modanezi”, localizada no Bairro Santa Cecília em Pilar do Sul/SP, da qual sou docente.

Examinei o panorama histórico na qual Tarsila estava inserida para que os alunos tivessem embasamento para produzir uma obra artística coletiva análoga aos dias de hoje, no caso uma pintura (painel) onde pudessem retratar as temáticas sociais mais significativas escolhidas por eles.

Os processos utilizados neste estudo de caso são inerentes à Abordagem Triangular, na tentativa de incentivar os alunos a buscar interação entre suas experiências pessoais com o estudo na sala de aula.

Os métodos de pesquisa utilizados neste trabalho foram a) pesquisa teórica, com o uso de bibliografia, sites da Internet e análise de obras de Tarsila do Amaral e outros expoentes da arte; b) experimentação, testes realizados com tintas, materiais recicláveis, suportes para pintura e exercícios propostos aos alunos; e c) entrevista, realizada aos alunos que participaram das atividades.

3.1. Metodologia

Ao escolher um tema de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, não tive dúvidas em continuar o trabalho desenvolvido durante o curso da Disciplina Projeto Interdisciplinar 2 (PIEA2), que abordava as questões sociais na arte/educação tendo como base a artista Tarsila do Amaral e suas obras da fase social. Sempre gostei muito de trabalhar Tarsila e sempre que dentro da proposta pedagógica da escola procurei inserir um pouco da vida e da obra da artista.

Enquanto eu estava cursando a Disciplina PIEA2, trabalhei em diversas salas de aula na escola que leciono sobre a artista. Em algumas salas de aula eu tratei sobre Tarsila e suas obras, em outras trabalhei somente suas obras da fase social pedindo que os alunos fizessem interferências nelas, de modo a retratar o contexto social vivido por eles.

A seguir dois exemplos dessa produção:



Figura 7: Desenho feito por aluno em atividade proposta

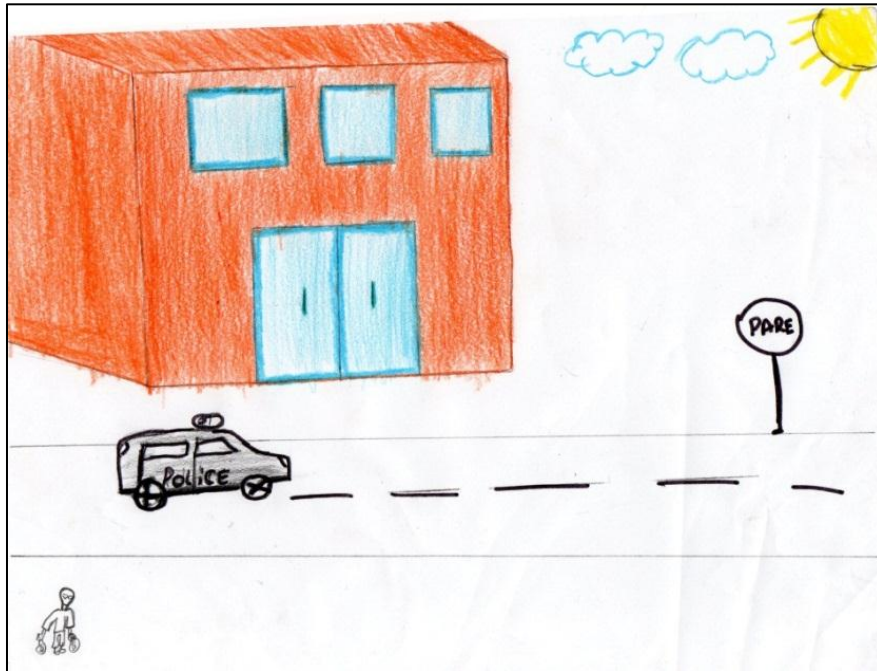


Figura 8: Desenho feito por aluno em atividade proposta

A partir dessas atividades percebi que havia um vasto campo se abrindo para que eu pudesse aprofundar tais experiências com os alunos. Foi então que decidi apurar a abordagem Triangular em minha experiência educacional. Para esclarecer melhor essa questão, incluo a seguir o embasamento que orienta as minhas escolhas metodológicas.

3.1.1. A Abordagem Triangular

Conforme analisa no artigo “Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular”, Ana Mae Barbosa nos conta como surgiu a abordagem chamada Proposta Triangular e como ela tornou-se uma ação reconstrutora no ensino da arte.

Tornou-se reconstrutora, pois como citei no primeiro capítulo, o país vinha seguindo até meados da década de oitenta, uma realidade pouco favorável ao desenvolvimento da aprendizagem da arte. Não havia cursos superiores para formação acadêmica dos professores, o sistema educacional imposto pela ditadura militar restringia a educação a um aprendizado tecnicista. Enfim, essa nova abordagem possibilitou abrir novos rumos ao ensino brasileiro.

Essa aprendizagem tem como base: a leitura, o fazer e a contextualização. Não necessariamente nessa ordem, é possível aplicar esses conceitos de forma aleatória, não há uma ordem estabelecida, o educador pode utilizar essa triangulação conforme o contexto vivenciado em sala de aula. Por isso que é triangular. No que diz respeito à leitura:

Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor, por mais inteligentes que eles sejam. A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária”. (BARBOSA, 2007, p. 40).

Em educação, a tarefa da estética integrada na leitura da obra ou do campo de sentido da arte é ajudar a clarificar problemas, a entender nossa experiência da arte, a discriminar entre opções, a tomar decisões, a emitir juízos de valor. (BARBOSA, 2007, p. 41).

Sobre o fazer artístico, não se deve vincular o “fazer” apenas à releitura de obras, menos ainda se ela apoiar-se na cópia pela cópia. Há muitos procedimentos de criação artística, o professor deve estimular os alunos a produzirem em diferentes formatos, com as mais variadas técnicas.

Já a contextualização a que se refere a Abordagem Triangular propôs uma educação cultural crítica com o conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor. Nela, a leitura e a alfabetização são os valores principais da educação a fim de possibilitar a leitura de nós mesmos e do mundo.

Enfim, acredito que essa abordagem no ensino da arte agrega um valor fundamental na identidade do educando, porque o benefício que ele adquire em sua vida é transformador. Transformador na medida em que ele adquire experiência de analisar melhor suas decisões, de ter uma leitura de vida crítica, de ter acesso ao

código erudito que é dominado pelas classes poderosas e assim ter possibilidade de ascensão social.

3.1.2. Etapas de desenvolvimento

A primeira etapa do trabalho foi realizada com três turmas do ensino fundamental II, onde fiz uma pesquisa sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre Tarsila. Utilizei esse procedimento para avaliar o grau de conhecimento e conseqüentemente preparar uma atividade a partir dele.

Os alunos sempre se lembravam de Tarsila por suas telas, sendo que a maioria deles tinha em mente a “Abaporu” e “A Negra”. Quando eu os indagava sobre o que conheciam de tais obras poucos sabiam, lembravam sim da imagem dos seios e boca grande, pés grandes e cabeça pequena, mas nenhum deles tinha um conhecimento um pouco mais elaborado. A partir daí eu fui fazendo colocações sobre cada uma das imagens, suas formas, cores, proporções, temas e assim a situação foi ficando mais interessante.

Já a segunda etapa foi realizada com atividade prática. Mantive uma das turmas do ensino fundamental II, fiz uma atividade que abordava obras de Tarsila e as questões sociais vivenciadas pelos alunos. Diversas temáticas foram citadas como desmatamento, segurança pública, saúde, moradia, trânsito, poluição e a reciclagem.

Propus uma nova atividade, o tema escolhido em sala de aula foi a reciclagem. Durante alguns meses foram coletadas folhas de papel em forma de bolinhas amassadas que os próprios alunos descartavam durante as minhas aulas e com elas foi construída uma árvore com 1600 bolinhas, coladas uma a uma pelos alunos.

Ao redor e dentro da árvore foram colados os trabalhos de desenho e colagem com as interferências que retratavam o contexto social vivido por eles feitos por eles em analogia a algumas obras de Tarsila.



Figura 9: atividade realizada durante o PIEA2. Foto: Tere Paiva, 15/08/2012

A terceira etapa veio da necessidade de aprofundar o estudo sobre as pinturas da fase social da pintora Tarsila do Amaral. Exibi um slide sobre outras obras da pintora como: A Negra (1923), Caipirinha (1923), Anjos (1924), Carnaval de Madureira (1924), Morro da Favela (1924), A Gare (1925), O Mamoeiro (1925), Religião Brasileira I (1927), Abaporu (1928), Distância (1928), O Lago (1928), Operários (1933) e Segunda Classe (1933), na sequência, li um trecho de texto de Geraldo Ferraz, publicado no Jornal de Notícias, São Paulo, 17/12/1950.

Para passar o conteúdo procurei aliar o conteúdo a uma forma pedagógica onde os alunos pudessem participar além da aula expositiva, usei slide e como forma de aprofundar o conhecimento pedi a eles uma pesquisa sobre o modernismo e as obras da Tarsila do Amaral na fase social, dando enfoque a obra “Operários” e Segunda Classe”. de forma que todos os alunos se interessassem pelo conteúdo passado, A semana da Arte Moderna, Modernismo e vida e obra da artista Tarsila do Amaral

Falei-lhes que a semana de arte moderna foi um momento de grande movimentação artística onde muitos artistas estavam envolvidos na literatura, artes visuais, arquitetura, música, intelectuais diversos e que Tarsila participou de forma indireta.

Contei que não foi uma semana e sim três dias de grandes apresentações. Antes e depois da semana de 22 as manifestações continuaram e foi Tarsila que deu início ao movimento Antropofágico quando deu de presente a Oswald de Andrade o quadro “Abaporu”.

Falei para eles que Tarsila era sim uma criança de família muito rica e que como qualquer uma brincava entre as pedras ao redor da fazenda, mas que mesmo sendo rica procurou retratar em suas obras cores brasileira e coisas que fizeram parte de sua vida e infância.

Conclui afirmando que com o passar dos anos Tarsila continuou seus estudos com grandes mestres da arte nacional e internacional, mais que as cores e temas brasileiros jamais deixaram de existir em suas pinturas e que, mesmo ela sendo uma mulher rica, tinha grande sensibilidade para com as questões sociais, tanto é que retratou isso em suas obras, não apenas em “Operários” e “Segunda classe”.

A partir daí surgiu a proposta de fazer um novo desenho utilizando duas das temáticas sociais apontadas por eles: a saúde e segurança pública. Essa foi a quarta e última etapa do estudo que serviu para a experimentação do conhecimento adquirido. Conforme indicação dos professores orientadores Atila Ribeiro de Souza Regiani e professora Ruth Moreira de Sousa Regiani, a proposta não era fazer uma releitura e sim, dentro do tema escolhido, fazer um aprofundamento dessa temática e produzir algo significativo.

Resolvemos então que dividiríamos a sala em dois grupos sendo que cada um pintaria um dos temas. Propus aos alunos que fizessem uma pintura usando uma lâmina de madeira rústica medindo aproximadamente 1,50 x 2,00 metros e tinta guache. Em casa, fiz um teste com a tinta “guache” que é à base de água e não precisa usar solvente para limpeza dos pincéis, por isso decidi que seria a tinta a ser usada por eles no processo de criação do painel.

Para facilitar o trabalho de cada grupo dividi a chapa de madeira ao meio e dei para cada grupo uma parte. Eles tiveram liberdade para decidir o que iria ser pintado. Com as informações e estudos desenvolvidos até então, pretendi que eles entendessem o quanto esse trabalho era importante para cada um deles, não apenas por que eles vivem numa comunidade em que há grandes problemas como a falta de segurança, mas que eles tivessem a certeza de que mesmo vivendo nessa

comunidade seriam capazes de produzir arte com características e sentimentos pessoais.

De maneira mais formal, disse a eles que era fundamental fazer o trabalho de forma a relatar um pouco daquilo que eles não conseguiriam expressar através de palavras a um grande número de pessoas.

Ficou decidido, em sala de aula e em comum acordo, que as representações seriam desenhadas e pintadas dentro do mapa da cidade, sendo que uma parte iria retratar a temática social referente à saúde pública e outra metade do mapa a temática segurança pública.

De posse da chapa de madeira, das tintas, pincéis e do desenho do mapa da cidade, cada grupo iniciou o trabalho fazendo o esboço e transferência dos desenhos no painel de madeira, assim iniciaram o processo de criação. Cada grupo iria escolher a forma de desenhar, porém cada grupo deveria deixar explícita a temática ali pintada.

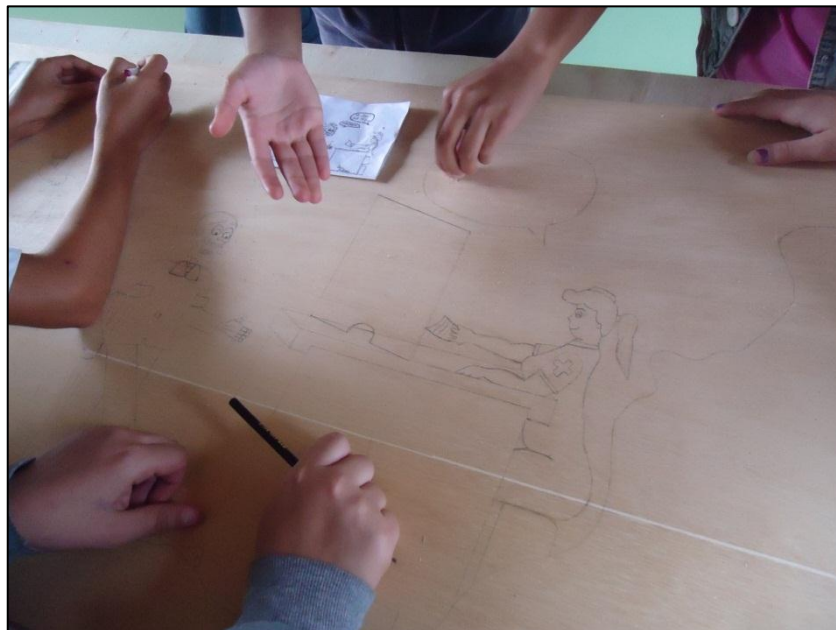


Figura 10: Início do trabalho dos alunos. Foto: Tere Paiva, 15/09/2010

Parte do trabalho foi realizada na escola e outra parte na casa dos alunos.

Conforme relato dos alunos do grupo I e grupo II, o processo de construção do painel não foi demorado. Primeiro eles fizeram uma análise do desenho a ser

pintado, depois fizeram o rascunho e definiram o que cada grupo iria desenhar. Em seguida desenharam o mapa em uma parte da chapa, e transferiram o desenho.

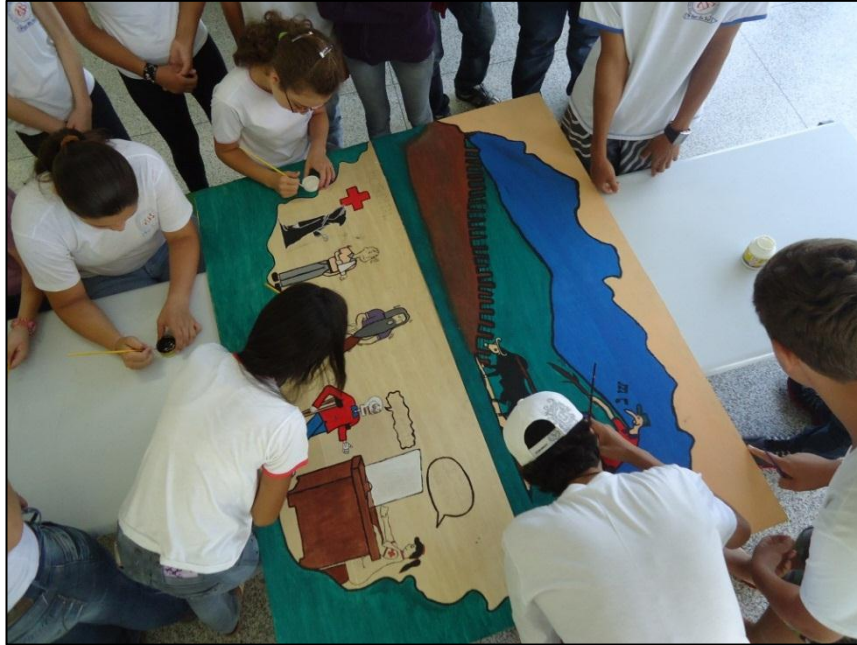


Figura 11: Desenvolvimento do trabalho dos alunos. Foto: Tere Paiva, 22/10/2012



Figura 12: Desenvolvimento do trabalho dos alunos. Foto: Tere Paiva, 22/10/2012



Figura 13: Trabalho finalizado. Foto: Tere Paiva 16/11/2012

O trabalho prático, ou seja, a produção do quadro foi concluída com êxito. Os alunos revessaram-se nas tarefas, houve colaboração e participação efetiva de todos eles. Pode se observar que havia todo um cuidado na execução das atividades, eles trocavam ideias e cobravam uns dos outros capricho, afinal era uma obra coletiva.

A concepção estética ficou a critério deles distribuíram as funções de criação, desenho e pintura conforme as habilidades que possuíam. As técnicas utilizadas também não foram difíceis, pois os alunos já estavam habituados a trabalhar com pintura com tinta guache.

Trabalhar em sala de aula a realidade da comunidade que o aluno está inserido e trazer em discussão a política que norteia nossa sociedade é interessante. Além disso, como diria Ana Mae Barbosa, contextualizar a informação apresentada junto aos alunos, faz com que o trabalho seja mais rico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de terminado todo processo de criação e encerrado a atividade, pude perceber que os alunos prestaram mais atenção nas aulas do que o comum e se satisfizeram pessoalmente com o trabalho realizado.

A Abordagem Triangular foi utilizada em sua plenitude, pois as etapas percorridas se orientaram nos preceitos: conhecer arte, apreciar, contextualizar e fazer arte.

Baseei-me nessa proposta porque sua base estava intrinsecamente vinculada ao resultado que eu desejava alcançar: verificar outras possibilidades para aprofundar o conhecimento das matérias da grade curricular, de modo a incentivarlos a fortalecer seus conhecimentos e principalmente provocar questionamentos que os fizessem interagir com sua realidade.

Ao introduzir o ensino teórico aliado à contextualização do cotidiano deles, os alunos compreenderam a matéria mais rapidamente. Eles tiveram especial atenção ao fato de passar slides sobre as pinturas e quando falei sobre os detalhes de algumas delas relacionando com o contexto social deles.

Os alunos perceberam, que também na área da arte, é importante estudar antes de fazer a atividade prática. Ao fazer a explanação sobre os acontecimentos de antes e depois da Semana de Arte Moderna, deixei claro aos alunos a ligação entre arte e sociedade. Ficou mais fácil de explicar que aquela foi a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador, predominantes no país desde o século XIX.

Quando lhes falei da capacidade que cada um deles possui em fazer arte senti certa comoção por parte deles, que expressaram isso através de sorriso e com satisfação.

Usar as obras de Tarsila como um referencial para o trabalho, não os limitou na criação de seus desenhos. A escolha dos temas “segurança pública” e “saúde

pública” mostra dois problemas graves da comunidade que eles estão inseridos. No caso de Tarsila, a obra “Operários,” trazia a questão do emprego e da massificação de oportunidade de escolha frente à industrialização e a obra “Segunda Classe” à falta de perspectiva e futuro na terra natal e a necessidade de buscar outro lugar para a família, além do vínculo da pobreza e da fome. Tarsila conheceu essas duas realidades. Ao ler o texto sobre a artista, os alunos conseguiram perceber que a pintora tinha uma grande ligação com sua terra e retratava isso nas suas pinturas.

Foi o que aconteceu com meus alunos, os dois temas escolhidos por eles é o que estavam em evidência na cidade de Pilar do Sul e que vinham refletindo diretamente em suas vidas. Eles afirmaram que naqueles últimos meses a cidade tinha passado por um momento de muita violência urbana causando muito medo e insegurança. Quanto à questão da saúde eles relataram que eles mesmos ou seus parentes já ficaram cerca de três a quatro horas para serem atendidos no pronto socorro e meses para serem atendidos por especialistas.

Através de seus relatos é possível perceber a analogia feita na obra “saúde pública”. Os alunos destacam o tempo de espera para um atendimento e a dualidade entre a vida e da morte ao representar um homem de preto com uma foice e um homem com a cabeça de caveira, demonstrando que a demora no atendimento foi tanta que quando chegou sua vez já estava morto.

Na obra que analisou o tema “segurança pública”, fica evidente o desejo de retratar a velocidade com que os responsáveis por nossa segurança estão caminhando, contrariamente ao que acontece com os criminosos cada vez mais modernos e abastecidos para fazer do crime e da opressão uma ameaça para nossa sociedade.

Um dado importante que não está evidente na obra, mas é uma constante para nós professores, é o medo que nossos alunos possuem de passar para o lado do crime, atraídos pela sedução do poder, dinheiro e adrenalina. Digo isso baseada nas discussões que tivemos ao sugerir os temas para a produção da pintura.

Acredito que essas visões são reflexos do que seus familiares comentam em casa, dos problemas e medo que seus pais têm com relação à segurança da casa, dos irmãos mais velhos que se envolveram com o crime e as drogas, da falta de vaga para tratar os problemas de saúde dos membros da casa, da evidência de morte devido à fragilidade do pronto socorro e da Santa Casa de nossa cidade.

Enfim, as duas peças produzidas pelos grupos são reflexo de todo o trabalho de observação e crítica da sociedade que eles e eu estamos inseridos. É um aprendizado proveitoso observar e conversar com os alunos sobre um material rico criado por eles mesmos.

Pelo modo de trabalho baseado na abordagem Triangular utilizada neste estudo, consegui mostrar aos alunos a importância de fazer arte como forma de expressar algo que não está bem na nossa comunidade. A leitura das imagens dos quadros de Tarsila resultou em um trabalho de reflexão de mundo, conscientização crítica, contextualização da realidade social dos alunos e, fundamentalmente, a ação como forma de transformação – o fazer artístico, que foi a produção das duas obras pelos alunos. Isso tudo lhes serviu de motivação e para mim, comprovou que a contextualização sugerida na abordagem Triangular serve para abrir horizontes de reflexão e produção, conseqüentemente, transformação social.

Concluindo, o ensino da arte nas escolas deve incentivar a criatividade, facilitar o processo de aprendizagem e preparar melhor os alunos para enfrentarem o mundo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy. **“Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira”**. São Paulo: Editora Studio Nobel, 3ª edição, 2003.

AMARAL, Aracy. **“Artes Plásticas na Semana de 22”**. São Paulo: Editora 34, 5ª edição revisada e ampliada, 1998.

AMARAL, Aracy. **“Tarsila: sua obra e seu tempo”**. São Paulo: Edusp, Editora 34, 2003.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **“Arte/educação como mediação cultural e social”**. São Paulo: Editora UNESP (FEU), 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **“Arte, Educação e Cultura”**. [online] Disponível na Internet via: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf> Acesso em 24 de outubro de 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **“Tópicos utópicos”**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2ª Reimpressão, 2007.

FREIRE, Paulo. **“Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 31ª edição, 2005 (Coleção Leitura).

IDEB e seus componentes: Escola Maria Aparecida Rechineli Modanezi Profa. [online] Disponível na Internet via: <http://www.portalideb.com.br/escola/209007-maria-aparecida-rechineli-modanezi-profa/ideb>. Acesso em 24 de outubro de 2012.

Pinturas. [online] Disponível na Internet via: <http://www.base7.com.br/tarsila/> Acesso em 14 de outubro de 2012.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. “**Parâmetros curriculares nacionais: arte /Secretaria de Educação Fundamental**”. Brasília: MEC /SEF, 1998. [online] Disponível na Internet via: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artes.pdf>> Acesso em 20 de outubro de 2012.

Semana de Arte Moderna. [online] Disponível na Internet via: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=344> Acesso em 26 de setembro de 2012.

ANEXOS

ANEXO A



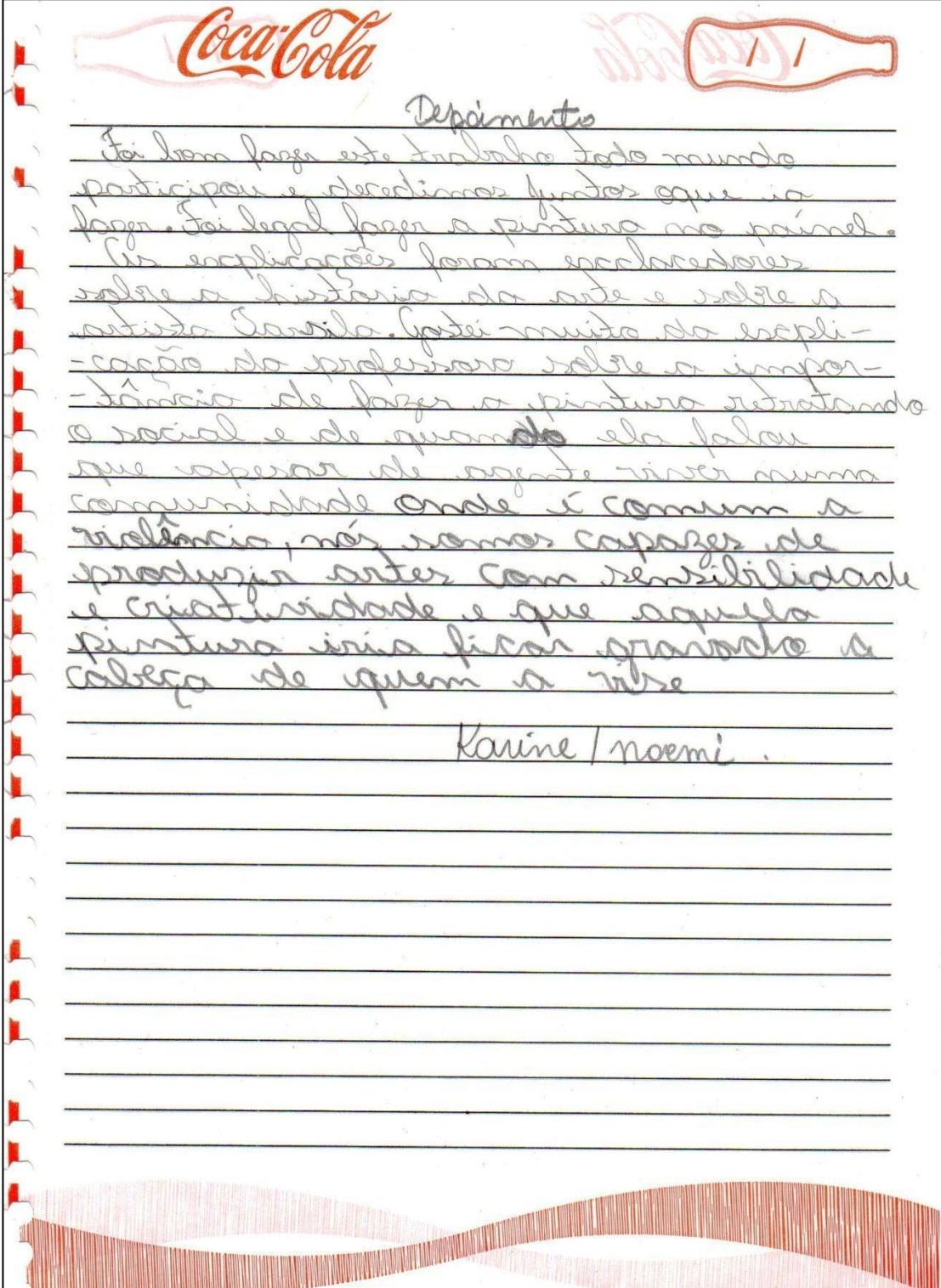
Figura 14: Acompanhamento da atividade. Foto: Gustavo Ribeiro Honório 22/10/2012

ANEXO B


Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
deparamento						
<p>Eu acho que foi muito legal trabalhar em grupo, cada pessoa se expressou de um jeito diferente, dando suas opiniões, respeitando entre si, e as partes ungracada e mostrando atitudes daquele desenho e que acontecia no nosso Brasil.</p> <p>Foi muito bom, saber conhecimento da nossa arte, traz-la além de ser rica procurou a descobrir lugares e através de desenho expressar o que ela viu, como se fosse nos procuramos e que estava acontecendo e então nos relatamos no desenho a questão da saúde e isso me mostrou as partes do conhecimento.</p>						
<p>nome Richard</p> <p>nº 27</p> <p>9º B</p>						
96 9229-1307						

Figura 15: Relatório de avaliação da atividade

ANEXO C



Coca-Cola



Depoimentos

Foi bom fazer este trabalho todo mundo participou e decidimos juntos que ia fazer. Foi legal fazer a pintura no painel. As explicações foram esclarecedoras sobre a história da arte e sobre a artista Sanele. Gostei muito da explicação do professor sobre a importância de fazer a pintura retratando o social e de quando ela falou que apesar de agente viver numa comunidade onde é comum a violência, nós somos capazes de produzir artes com sensibilidade e criatividade e que aquela pintura iria ficar gravado na cabeça de quem a visse.

Karine / Noemi.

Figura 16: Relatório de avaliação da atividade